

## A repetição na Historiografia: uma abordagem Lacaniana e Koselleckiana.

DANIELI MACHADO BEZERRA \*

Este artigo compõe um projeto de doutorado que está em andamento na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – Brasil), visa um estudo sobre a historiografia como repetição a partir de algumas obras do historiador Reinhardt Koselleck e do psicanalista francês Jacques Lacan. Ambos os pensadores articulam a linguagem como contribuição para seus estudos. O primeiro enfatiza a discussão sobre a história das idéias e dos conceitos e o segundo, em sua releitura de Freud, introduz conceitos e faz a psicanálise ganhar um novo estatuto paradigmático na contemporaneidade.

Koselleck escreve em um momento de reorientação dos estudos históricos na Alemanha. Após a Segunda Guerra Mundial foi levantada a questão se a historiografia de afirmação de um passado nacional se baseava em temas que se orientavam para a procura dos motivos da catástrofe mundial e a história passa a ser vista como arma para uma crítica da situação presente. Buscou novos métodos sobre o fenômeno histórico e com estudos sobre a semântica política moderna através de análise de obras de historiadores, filósofos, políticos, artistas, ele chega a uma tese principal que foi uma definição de *história como experiência existencial e como dimensão iniludível constitutiva da modernidade* (KOSELLECK: 2006:135).

Elucidamos aqui a possibilidade comparativa entre as teorias dos autores supracitados, pois ambos comentam em seu *corpus* teórico o conceito de repetição. Marcelo Jasmin em sua apresentação da edição *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* nos indica sobre o conceito de repetição em Koselleck e comenta:

---

\*Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Se as histórias (no plural) guardavam a sabedoria acumulada pelos exemplos do passado para servir de guia à conduta presente, evitando a repetição dos erros e estimulando a reprodução do sucesso, a história

(como um singular coletivo) tornou-se uma dimensão inescapável do próprio devir, obrigando toda ação social a assumir horizontes de expectativa futura (...).

Em relação ao pensamento de Koselleck, nessa obra acima citada, nos damos conta que seu objetivo na constituição de uma história dos conceitos não é apenas de tratar de um estudo sobre a semântica de alteração dos significados tradicionais, porém, de uma compreensão das formas que os sujeitos têm de:

Conceber a vida em geral, de imaginar o que nela é possível ou não, assim como o que dela se deve esperar. É este um dos sentidos em que a história conceitual de Koselleck vai além da pesquisa etimológica ou filológica do conceito.

A linguagem é de fundamental importância para os estudos dos dois autores, é através dela que o desenvolvimento de qualquer pesquisa torna-se possível. Koselleck nos afirma:

Os acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas sem uma linguagem. Mas nem os acontecimentos nem as experiências se reduzem a articulação linguística (KOSELLECK: 2006: 268).

Nesse primeiro momento elucidamos o que é a linguagem em cada campo teórico aqui estabelecido para podermos continuar com os argumentos seguintes.

O axioma “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” (1978) faz o ensino de Lacan ser inaugurado com precisão conceitual que avança o que Saussure havia construído em sua teoria sobre a linguística produzindo uma releitura à obra de Freud na qual a psicanálise passa a ter avanços significativos. A visão lacaniana sobre o inconsciente se distancia da percepção biologizante e este passa a ser visto como condição da linguagem.

Assim Lacan definiu o inconsciente: “a partir de Freud, é na cadeia de significantes que em alguma outra parte se repete e insiste em interferir nos cortes que lhe brinda o discurso efetivo e a cogitação que ele informa” (apud LEITE: 2001:35).

A linguagem passa a ser sustentada por uma cadeia de significantes e é pensada dentro de uma lógica própria e não mais como uma sucessão de palavras como pensavam os linguistas. Para o psicanalista francês “o inconsciente é um saber posto em situação de verdade, o que não se concebe senão numa estrutura de discurso” (apud: LEITE: 2001:35).

Com Koselleck que criou a história dos conceitos que proliferou na Alemanha nas décadas de 1950 e 1960, e esta indaga quando determinados conceitos são resultados de um processo de teorização. Para ele, todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também indicativo de algo que se situa para além da língua e que a partir de um fato linguístico é que se pode atuar sobre a realidade de forma concreta (KOSELLECK: 1992:139). Koselleck nos diz:

Os conceitos não nos instruem apenas sobre o caráter singular de significados passados; a par disso, eles contêm possibilidades estruturais, tratam simultaneidades, as quais não podem ser depreendidas por meio da sequência dos acontecimentos na história. (...) Apenas por meio dos conceitos providos de capacidade de duração, de uma economia de repetição de uso e, ao mesmo tempo, dotados de referencial empírico, ou seja, conceitos providos de uma capacidade estrutural, é que são capazes de deixar o caminho livre para que uma história antes tida como “real” possa hoje manifestar-se como possível, logrando assim também ser representada. (KOSELLECK: 2006: 116)

Koselleck nos afirma que “todo conceito só pode enquanto tal ser pensado e falado, expressado uma única vez. O que significa dizer que sua formulação teórico-abstrata relaciona-se a uma situação concreta que é única” (Idem). Entretanto, isso quer dizer que não é que não possam surgir novos conceitos, articulados a conteúdos, que são produzidos/pensados mesmo que as palavras utilizadas sejam as mesmas. Reinhart utiliza em

sua estrutura teórica, a semântica, e diz que o que é decisivo é que o uso pragmático da língua é sempre único, e o que se repete são estruturas linguísticas semânticas, todavia, esse uso pragmático nos indica que a semântica é fundamental para a comunicação linguística, pois com ela fazemos política, exercemos influência e fazemos revolução e etc. Todos esses usos pragmáticos articulados a uma língua, ou que pela língua são indicados, vivem na verdade de uma semântica que é pré-existente e nos é dada. Como exemplo, nos cita Koselleck, que na Alemanha Oriental, a utilização de expressões como “nós somos um povo” ou “nós somos o povo” vive de uma semântica que pressupõe o conhecimento por cada um do que seja um povo (...) essa expressão pragmática “nós somos um povo” e seu uso político alteraram a situação. Ele salienta que há “o elemento de continuidade semântica” e o fato de que, mesmo quando há a tentativa de explicar algo claramente único, de comunicar uma mensagem única ou um ato de fala único, “um mínimo de consenso sobre o significado das palavras se faz necessário; uma semântica preexistente é necessária. A repetição constitui a *longue durré* da linguagem. A semântica pode ser definida como a possibilidade de repetição”. (KOSELLECK: 2006: 29). Temos estruturas linguísticas que se repetem e são necessárias para que o conteúdo seja compreensível, ainda que uma única vez e só podemos ser compreendidos se um mínimo de repetição da semântica estiver pressuposto. Citando Kornmann ele nos indica que a “nossa história contemporânea é uma repetição dos fatos e acontecimentos de alguns milênios – só que em um período de tempo dramaticamente reduzido”, percebemos isso através das estruturas semânticas que os conceitos trazem ao longo do tempo (KOSELLECK: 2006: 80).

A capacidade de repetição dos eventos que para ele são isolados depois de uma infinidade de acontecimentos e podem ser retirados dos arquivos e também são considerados como um conjunto de fatos que possuem uma unidade de sentido possível de serem narrados. O estudo da semântica histórica mostra que todo conceito que faz parte de uma narrativa ou de uma representação – por exemplo, Estado, democracia, exército, partido, para citar apenas conceitos gerais – torna inteligíveis contextos, precisamente por não reduzi-los à sua singularidade histórica. Os conceitos não nos instruem apenas sobre a unicidade de significados anteriores, mas também contêm possibilidades estruturais; colocam em questão traços contemporâneos no que é não-contemporâneo e vice-versa. (KOSELLECK: 2006: 142). Há questões nos conceitos que se repetem enfatizando um tempo que não esteja presente

nos eventos narrados e isso nos mostra a capacidade que eles têm de retorno, ou seja, de se repetirem, mesmo não fazendo parte de um determinado evento.

Koselleck cita em seu artigo *Representação, evento e estrutura* que “tudo que acontece na Terra é passível de repetir-se, de um ponto de vista estrutural”. Para ele a estrutura é entendida como as circunstâncias que não se organizam segundo a estrita sucessão dos eventos passados, implicam maior duração, estabilidade e alteram-se em prazos mais longos. (2006: 127-135). Para ele:

Existem estruturas que são tão duradouras que permanecem guardadas no inconsciente ou na não-consciência daqueles que a viveram, ou cujas alterações se dão a tão longo prazo que escapam ao conhecimento empírico dos atingidos (KOSELLECK: 2006: 137).

Concluimos que a história que Reinhart constrói nos indica sobre a possibilidade de repetição dos eventos, e através deles podemos pensar nas possíveis condições estruturais capazes de desencadear algo como um evento análogo a partir das estruturas semânticas formais de retorno e repetibilidade (KOSELLECK: 2006: 263).

Se na história, algo se repete, e Koselleck ressalta as estruturas semânticas que guardam elementos capazes de retorno e repetibilidade, na psicanálise Lacan traz a repetição como sendo um dos conceitos fundamentais de seu ensino; é importante que verifiquemos essa constatação para que possamos saber onde estão possíveis analogias e homologias entre os conceitos a serem trabalhados nesta proposta de pesquisa.

Para compreender a repetição em Lacan é importante nos situarmos um pouco sobre a repetição em Freud. Em sua clínica, ele se deparava com algo que sempre insistia, incessante em buscar se fazer dizer e que advinha do passado, que não encontrava seu caminho em direção à consciência e que redundava na formação do sintoma. A repetição foi sendo transformada, na trajetória freudiana, de um fenômeno clínico a um conceito de grande importância: a compulsão à repetição.

No texto *Recordar, repetir e elaborar, de 1914*, Freud enfatiza: “o que nos interessa, acima de tudo, é, naturalmente, a relação desta compulsão à repetição com a transferência e

com a resistência”. Estando em resistência, o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas o expressa pela atuação ou *acting out*. Repete não como lembrança, mas como ação e sem saber que está repetindo.

No ano de 1920 Freud percebeu que havia algo que se repetia “para além do princípio do prazer” e isso acaba sendo um impasse para avanços em seus estudos sobre a histeria. Deu-se conta de uma espécie de satisfação que se dá no nível da pulsão e que desafia os princípios do prazer e da realidade. E formula o conceito de pulsão de morte que tem relação com o conceito de repetição.

Lacan apresenta a repetição em seu *Seminário XI*. Afirma que a repetição nunca é a repetição do mesmo, há algo novo: “O que se repete é sempre algo que se produz.” (LACAN: 1998: 56) Esse algo não se reproduz, ele produz. O que se repete é o real, que volta sempre ao mesmo lugar em que o sujeito procura e não acha, pois o real não pode ser alcançado nunca. Isso se articula com o gozo que “... encontra sua origem na busca, tão repetitiva quanto inútil, do momento de satisfação de uma necessidade, que só se constitui como demanda no só-depois da resposta que lhe foi dada.” (Lacan: 1998: 60)

Lacan examina na *Física* de Aristóteles dois conceitos acerca da repetição: *tiquê* e *automaton*. A *tiquê* determina-se como o encontro do real que é essencialmente faltoso e que não pode mais se dar a não ser repetindo-se infinitamente. O *automaton* liga-se à pulsão de morte e com a compulsão à repetição de Freud. Trata-se de uma repetição simbólica que não é do mesmo, mas da origem. O real está sempre além do *automaton*, do retorno, da volta, da reprodução (LACAN: 1998: 55-65).

Para Lacan, a repetição se articula com o subjetivo e relaciona-se com a possibilidade de o sujeito fazer outra coisa com aquilo que, inicialmente, o conduzia ao sintoma. Com o manejo da transferência a repetição faz com que o sujeito dentro de sua singularidade, disponha de algo novo, ou seja, que faça uma ação perante a esse algo que quer repetir em seu sintoma não utilizando uma resposta racional, consciente.

Em relação à história há algo que se repete também. O historiador que utiliza a história dos conceitos lida com uma série de acontecimentos e discursos que se apresentam, ao mesmo tempo, e de maneira contraditória, como únicos e repetidos. “a historia está repleta de estruturas e fenômenos recorrentes” (KOSELLECK: 2006: 137).

Koselleck nos diz que a estrutura da argumentação é repetitiva como no caso da Alemanha supracitado:

Há uma semelhança na argumentação e isso prova que há conexões profundas entre problemas que se formulam e são vividos de maneira diferente, e creio que a semelhança de estruturas vai muito além do que acostumamos a pensar (...) o historiador como costuma deixar de lado esses temas e dedica-se a estudar acontecimentos concretos, singulares, a partir de fontes singulares e esses documentos não falam do que há de repetitivo em tais acontecimentos, não encontramos as repetições de forma explícita. (KOSELLECK: 2006:138-139).

Para levar em conta essa discussão acerca das repetições que acontecem nos eventos e nas estruturas o que é preciso analisar é qual a capacidade de inovação existente numa língua que pode ter séculos de antiguidade, e como se produz essa inovação, por exemplo, como consequência das mudanças das estruturas semânticas existentes na língua. E ao abordar essa relação entre antigas estruturas e novos significados, devemos observar a nova semântica introduzida na língua a partir de resultados de novas experiências. Temos que definir, pois, essa relação complexa entre antigas estruturas e novos significados, mas não podemos afirmar que tudo seja novo, pois há algo estrutural na língua que se repete (KOSELLECK: 2006:141-142).

É através dos dois autores aqui abordados que propomos pensar a história como fenômeno que se repete. Analiso essa questão a partir de uma abordagem comparativa porque acredito na possibilidade de aplicar e praticar outras aproximações através de perguntas e hipóteses que possam ser respondidas e contrastadas pelos estudiosos da história conceitual e da semântica histórica, por exemplo, Koselleck e por outros estudiosos, como Lacan.

Em relação às minhas hipóteses, parto da ideia de que a história é um significante-mestre porque a teoria do discurso do mestre lacaniano com a fórmula  $S1 \rightarrow S2$  representa o significante-mestre para outro significante desencadeando a cadeia dos significantes, cuja cadeia é ininterrupta e, portanto, infinita.

Isso nos remete para a questão acerca da cadeia dos significantes porque o que interessa para a psicanálise é o só depois do dito. O dito se inscreve em um dizer que só acontece depois. Para a escrita da história essa fórmula não funciona, seria o seu inverso. Mas



como podemos pensar essa coisa que se repete na língua quando Koselleck argumenta que o que se repete são estruturas semânticas? Como articular esse pensamento ao saber que é construído na e pela psicanálise?

Entretanto, Koselleck questiona:

Pode-se perguntar o que pretendem essas análises semânticas? Posso lembrar que os acontecimentos históricos e sua constituição linguística estão entrelaçados. Mas o decurso das ocorrências históricas não coincide simplesmente com a possibilidade de sua elaboração linguística, de tal forma que o acontecimento só apareça em sua compreensão linguística. Entre os dois, pelo contrário, existe uma tensão que se modifica continuamente. Torna-se importante analisar a forma peculiar como os acontecimentos passados são levados a “falar” e como os acontecimentos futuros passam a ser esperados. O que se está realmente falando quando se diz, por exemplo, “que se pode fazer história? (KOSELLECK: 2006:236).

Essa tensão de que fala Koselleck não seria esse caráter repetitivo que sempre faz questão de retornar? Que sempre vem à tona? Qual o sentido da expressão “fazer história”, quem faz a história e quem a escreve?

Faremos uma articulação dessas nossas hipóteses com o discurso do mestre, pois os elementos  $S_1$ ,  $\$, S_2$  e  $a$  formariam uma combinatória fechada se não irrompesse algo que surge como perda, perda de gozo que engendra um *mais-de-gozar* a retornar: objeto (a), objeto perdido de Freud porque o aparecimento desse quarto elemento, (a), nos impede de pensar a repetição como repetição do mesmo e sim como repetição da diferença. Essa coisa que é perdida é sempre nova no dizer do inconsciente mesmo sendo repetida.

Quando nas estruturas semânticas algo se repete, temos aí algo que faz diferença, mesmo repetindo, marca uma diferença de algo que foi e que é. Essa diferença nos importa.

De acordo com o discurso do mestre a história busca, tal como a filosofia, ser um sistema aberto porque o que ela busca não é só constituir um saber, mas avançar na questão

dessa verdade que só se desvela lançando um novo véu. O historiador quer ser o mestre da verdade que sustenta seu saber e, portanto, de seu gozo.

Questionamos se a história também teria esse papel de saber sendo mestra da verdade, como elucidou Koselleck em sua *Historia magistrae vitae*. Para a filosofia a relação entre o mestre e o escravo (lembrando Hegel) importa se a lei for mantida em uma ordem estabelecida. E para a história qual é a lei que é questionada quando nos deparamos com uma tentativa de elaboração de seu saber?

Para Lacan:

A história da técnica historiadora mostra que seu progresso se define no ideal de uma identificação da subjetividade do historiador à subjetividade constituinte da historização primária onde se humaniza o evento (...) e que a exemplo da história se dissipa também como uma miragem esse recurso à reação vivida que obseda nossa técnica assim como nossa teoria, pois a historicidade fundamental do evento que retemos basta para conceber a possibilidade de uma reprodução subjetiva do passado no presente (LACAN: 1979: 151-152).

O que buscamos quando necessitamos de “fazer história”? Quais os objetos que são perdidos e ou achados? Perdido porque há objetos que nunca foram inventados e achados porque há invenções sobre temas que sempre vem à tona.

Com Lacan o objeto a não têm representação no significante da demanda, porém pode ser considerado um objeto que representa o desejo para o Outro sendo a causa de seu desejo. No discurso do mestre o objeto a ocupa o lugar da causa que é o poder. Isso nos leva a refletir sobre que poder é esse causado por um saber construído por um sujeito que tem como desejo uma causa de um saber construído a partir de algo que nunca vai ser ocupado, preenchido? Teria essa função do desejo da história em construir um saber que nunca vai dar conta de tapar isso que nos faz desejar sempre? E qual é o desejo que move a escrita da história nesse gozo infinito que é movido pela repetição?

## 7) BIBLIOGRAFIA

BARROS, J.A. 2007. História Comparada – um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, pp.1-30, jun.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CESAROTTO, Oscar (Org). **Ideias de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

COELHO, Carolina Marra S. **Psicanálise e laço social** – uma leitura do seminário XVII. *Mental* v.4 n.6 Barbacena, jun, 2006

FILHO, Celso Ramos Figueiredo. **História e Psicanálise: possíveis afinidades**. Disponível no site<

<http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:kAPGwoLUv4QJ:www.fia.edu.br/fia/revista/revista2/2.pdf+Celso+Ramos+Figueiredo.+Hist%C3%B3ria+e+Psican%C3%A1lise:+poss%C3%ADveis+afinidades&hl=pt-R&gl=br&sig=AFQjCNG35kfN5eOJDzD4vlt4AyOTOQoJcw>> Acesso

em 15 de set. 2009.

FILHO, Luiz Carlos Uchôa Junqueira. **Psicanálise e história das mentalidades**.

Disponível no site <[http://74.125.47.132/search?q=cache:dROh1X1Ao1QJ:pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/ide/v30n45/v30n45a21.pdf+Um+monge+no+div%C3%A3:+O+adolescer+de+Guibert+de+Nogent+\(1053-1124\)+%E2%80%93+uma+an%C3%A1lise+hist%C3%B3rico-psicanal%C3%ADtica&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://74.125.47.132/search?q=cache:dROh1X1Ao1QJ:pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/ide/v30n45/v30n45a21.pdf+Um+monge+no+div%C3%A3:+O+adolescer+de+Guibert+de+Nogent+(1053-1124)+%E2%80%93+uma+an%C3%A1lise+hist%C3%B3rico-psicanal%C3%ADtica&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em 18 de ago. 2009.

FILHO, Raul Albino Pacheco. **Articulações entre História e Epistemologia da Psicanálise:**

um estudo de caso. Disponível no site

<<http://74.125.47.132/search?q=cache:ZCPiCOax8ygJ:www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/pachecofilho01.pdf+historiadores+e+a+psican%C3%A1lise&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>> Acesso em 12 de ago. 2009.

FRANÇA, Maria Inês (Org). **Ética, psicanálise e transmissão**. Petrópolis, Vozes, 1996.

FREUD, S. **Obras Completas**, Buenos Aires: El Ateneo, 2008.

FORBES, Jorge (Org). **A escola de Lacan: a formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise**. Campinas: Papirus, 1992.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_; **“Sigmund Freud: Um alemão e seus dissabores”**. IN: Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan, São Paulo, Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_; **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud**. A educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GÓES, Clara de. **Psicanálise e capitalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

\_\_\_\_\_; **Teresa D’Ávila: A escrita do desejo**. Tese de Doutorado em Semiologia da Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro, Record, 2000.

HARARI, Roberto. **Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan**. Campinas: Papirus, 1990.

IANKILEVICH, E. et. alli (2008). **Historizando: reflexões sobre a clínica psicanalítica**. Trabalho selecionado para ser apresentado no Congresso da fepal, em Santiago do Chile, 2008.

JASMIN, Marcelo Gantus e JÚNIOR, João Feres. **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**, Rio de Janeiro: Editora contraponto/PUC, 2006.

\_\_\_\_\_; **Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992, p. 134-146.

\_\_\_\_\_; **Historia conceptual e historia social**. Disponível no site [www.4shared.com](http://www.4shared.com). Acesso em 20 de jul. 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_; **O Seminário I: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_; **O Seminário VII: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_; **O Seminário XVIII: De um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_; **“Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”**. IN: Escritos, São Paulo: Perspectiva, 1966.

\_\_\_\_\_; **O Seminário VIII: A Transferência**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_; **O Seminário XX: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_; **O Séminário XVII: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge zahar Editor, 1992.

\_\_\_\_\_; **Escritos**, São Paulo: Editora perspectiva, 1978.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LE POULICHET. **O tempo na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LEITE, Márcio Peter de Souza. **“Inconsciente: O inconsciente está estruturado como uma linguagem”** IN: Idéias de Lacan. São Paulo: Iluminuras, 2001, p.31-42.

LEVY, Ruggero. **História e/em psicanálise? E qual é o papel do historiador/psicanalista ou da dupla analítica nesta construção? Comentário à entrevista de Fernando Novais.** *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol.42, n<sup>o</sup>2, p.32-36, jun. 2008.

MARCUSE, Ludwig. **Sigmund Freud: Sua imagem do ser humano.** Petrópolis: Vozes, 2008.

MASOTTA, Oscar. **Introdução à leitura de Lacan.** Campinas: Papyrus, 1998.

MILLER, Jacques-Alain. **Percorso de Lacan: Uma introdução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_; **Documento de trabalho para os seminários de leitura da EBP (Escola Brasileira de Psicanálise),** *Revista Orientação lacaniana* III, 11.

\_\_\_\_\_; **O Real é sem lei,** *Opção lacaniana*, n<sup>o</sup> 34, 2002.

\_\_\_\_\_; **A experiência do Real na cura psicanalítica** – Aula 1, 18 de novembro de 1998 (Tradução E.B.P.).

PICCINI, Amina, Maggi, **Freud.** São Paulo: Moderna, 1986.

PIMENTA, João Paulo Garrido. **História dos conceitos e história comparada: elementos para um debate.** *Almanack Brasiliense*. n<sup>o</sup> 07, maio, 2008.

ROTH, Michael (ORG). **Freud: Conflito e cultura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento,** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RUSSO, Jane Araújo e CARRARA, Sérgio Luís. **A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda.** Disponível no site <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702002000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702002000200003)> Acesso em 18 de ago. 2009.

SAID, Edward W. **Freud e os não-europeus.** São Paulo: Boitempo, 2004.

VALADARES, Lúcia. **Nós, outros e a psicanálise.** Disponível no site <[http://www.estadosgerais.org/encontro/nos\\_outros.html](http://www.estadosgerais.org/encontro/nos_outros.html)> Acesso em 20 de jul. 2009.

VAZ, Nestor Lima Lobo. **Saber e gozo no discurso do mestre**. Letra Freudiana - Ano XI-nº 10/11/12. Disponível no site <<http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra1012/040.pdf>>, acesso em 02 de set. 2010.

ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1990.





